Transgressões compartilhadas no comércio e uso de drogas durante a Virada Cultural paulistana

Drug dealing and using shared transgressions along the Virada Cultural in São Paulo

Paulo Victor de Figueredo Nogueira

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7320>

DOI: 10.4000/pontourbe.7320

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrônica

Paulo Victor de Figueredo Nogueira, « Transgressões compartilhadas no comércio e uso de drogas durante a Virada Cultural paulistana », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 31 julho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7320> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7320>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Transgressões compartilhadas no comércio e uso de drogas durante a Virada Cultural paulistana

Drug dealing and using shared transgressions along the Virada Cultural in São Paulo

Paulo Victor de Figueredo Nogueira

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 01/09/2018

Aceitação / Accepted 10/01/2019

Introdução

Este texto tem como objetivo primeiro comentar a utilização de uma técnica de trabalho de campo, a saber, a *observação flutuante* (PÉTONNET, 2008 [1982], p. 102), bem como suas limitações, quando aplicadas a uma incursão etnográfica e à produção posterior de um relato etnográfico. Tal incursão se deu no contexto de realização da 14ª Virada Cultural de São Paulo, em maio de 2018.

Relato etnográfico

Ela [a cidade] é desde sempre o lugar de todas as misturas, do movimento incessante, da circulação incontrolável dos homens e das coisas, da pluralidade, em suma. (PÉTONNET, 2008 [1982], p. 100).

Talvez seja interessante começar pelo relato produzido com base nas impressões decorrentes da experiência de flunar que se deu na noite no dia 19 e na tarde do dia 20 de maio, sábado e domingo, período de realização da Virada Cultural 2018. Havia

algumas opções de atrações musicais e encontros em mente; no entanto, gato escaldado de viradas¹, e também influenciado pelas provocações do texto de Colette Pétonnet (2008 [1982]) relativas à observação flutuante, permiti-me

[...] permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar” de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes. (PÉTONNET, 2008 [1982], p. 102).

É bem verdade que fui a algumas das atrações musicais de interesse, assim como certos encontros parcialmente planejados aconteceram, além de outros não planejados. Mas na maior parte do tempo permaneci sozinho e em meio à multidão, simultaneamente.

A “atração cultural” que me levou até a Av. Paulista foi a exibição de uma série de documentários com a temática do rap nacional no vão do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp). Havia por volta de 200 cadeiras vermelhas e almofadadas, enfileiradas em frente à enorme tela ali montada. Nem todas as cadeiras estavam ocupadas, com uma ocupação rotativa de mais ou menos 60%. A presença de outras pessoas sentadas ali naquele mesmo espaço me fez pensar na conveniência ou não de acender um cigarro. Desde a Lei Antifumo do Estado de São Paulo², lei essa que “pegou” quase imediatamente (fato notável por si só), há a disputa em tornos dos locais (ambientes de uso coletivo) e momentos convenientes à prática tabagista. Se suas regras fossem seguidas em sua literalidade, naquele espaço não seria permitido o uso do tabaco, pois as cadeiras estavam posicionadas embaixo de um “teto”. No entanto, senti-me mais à vontade para fumar ao ver um homem, sentado com seu filho na primeira fileira do cinema improvisado, acender um cigarro. Também acendi e não fui coagido de nenhuma forma³. Alguns minutos depois, um rapaz sentado a duas cadeiras, na mesma fileira, também acendeu um cigarro. Esse uso e transgressão “compartilhados”, ainda que sem contato interpessoal mais explícito, pareceu-me uma constante em toda a Virada.

Durante vários momentos, notei também outras transgressões compartilhadas que guardam relação com as “drogas”, não somente em sua dimensão de uso, mas também de comércio. Para continuarmos com as “drogas legalizadas”, por vários momentos, vi a multidão abrir caminho para os *pesados* passarem, fugirem do *rapa* e então se reunirem novamente, para dificultar a localização dos comerciantes e a chegada dos agentes estatais até eles. *Pesados*, no caso, são os carrinhos que vendedores ambulantes, em grande parte não legalizados, usam para guardar e transportar as bebidas comercializadas. Muitas vezes tais vendedores anunciam sua aproximação e sua passagem dizendo ou gritando a frase “*Olha o pesado!*”. O *rapa* é a designação por metonímia dos agentes estatais (Polícia Militar, Guarda Civil Metropolitana ou fiscais) que promovem a apreensão dos produtos desses comerciantes. Quase que exclusivamente o que esses comerciantes negociam são bebidas alcoólicas. Havia então grande variedade, mas a maioria oferecia cerveja e catuaba. Vem à lembrança os “vinhos químicos” comercializados em outras Viradas, hoje substituídos pela catuaba industrializada (não observei em nenhum momento a comercialização dos antigos “vinhos”). A ilegalidade desses “vinhos” justificou, em mais de uma edição, discurso e prática de repressão a esses ambulantes. A mídia noticiou a comercialização dos mesmos, focando seus “malefícios” e também a repressão àqueles que o comercializam (APOLINÁRIO, 2011; KREPP, 2013; TOMAZ, 2015). Segundo relatos da imprensa, essas

bebidas são elaboradas com etanol (álcool etílico, usado como combustível veicular) e corante de groselha, com graduação alcóolica em torno de 90%.

No caso das drogas não legalizadas, a *cannabis*, ou maconha, era a de uso mais visível e disseminado. Durante o evento, passei por palcos de variados estilos musicais, cada um congregando diferentes grupos, reconhecíveis principalmente por suas vestimentas e adereços. É tradicional que os diversos palcos de atrações musicais da Virada sejam temáticos – o “palco do samba”, o palco do “rock”, o palco do “reggae” etc. Em quase todos, pude notar pessoas fumando maconha durante as apresentações, tanto na noite e madrugada de sábado para domingo quanto na tarde de domingo, com a exceção notável de dois agrupamentos que normalmente não compartilham muitas afinidades: os sambistas e os metaleiros. Nesses palcos quase inexistia o uso da droga, sendo a cerveja a preferência dos sambistas e os destilados, a dos metaleiros e punks.

Também fora dos momentos de atrações musicais nos palcos, na circulação dos cidadãos pelas ruas do Centro, era comum o uso de maconha sem repressão alguma das forças estatais. Por várias vezes, pude notar o compartilhamento dos “baseados” (cigarros de maconha) entre pessoas que não se conheciam, que pediam “um pega”. Somente uma vez vi um rapaz negar a outro o consumo compartilhado, justificando que o baseado não era dele, mas de um amigo, o que causou certo constrangimento entre esse rapaz e aquele que pediu para fumar. A maconha parece ter a dimensão de partilha de seu uso muito mais relevante que a do álcool. É comum que um mesmo baseado seja usado por diversas pessoas nas “rodas”, onde o cigarro de maconha circula ritualmente entre o grupo: se há, por exemplo, um grupo de cinco pessoas fumando, a “pessoa 1” fumará um pouco e então passará o cigarro à “pessoa 2”, que fumará e passará à “pessoa 3”, até chegar na “pessoa 5” e então retornar à “pessoa 1”. Não é comum que esse ciclo seja quebrado, podendo mesmo haver reprimendas (muitas vezes jocosas) àquele que “quebra a roda”. Quando um desconhecido entra em uma dessas rodas, não é incomum que ele espere uma volta completa do baseado até chegar “sua vez”.

Essa dimensão de partilha de uso entre desconhecidos, comum entre usuários de maconha, em geral inexistente, durante as Viradas, com relação ao álcool, a não ser quando entre pessoas de diferente status ou classes sociais, ou seja, entre pobres e o público de classe média; e aqui não se trata propriamente de um compartilhamento, mas de uma espécie de esmola líquida, que acontece quando uma pessoa em situação de rua pede “um gole” ou um pouco do álcool para alguém do público. Diferentemente da maconha, não vi nenhuma dessas “pessoas desconhecidas”, que costumam pedir um pouco de álcool, continuar o uso junto àquele que disponibiliza a bebida. Mas é recorrente a negação quanto ao pedido, tendo visto essa cena algumas vezes. Talvez isso remeta à dimensão do que chamei aqui de transgressão compartilhada, uma vez que o consumo do álcool obtido legalmente não configura transgressão, o que poderia apontar para uma dimensão da transgressão com relação ao uso de substâncias ilícitas em espaços públicos: sua característica de compartilhamento.

Outra característica que difere a maconha do álcool é a sua não comercialização nesses espaços; enquanto o álcool é abundantemente vendido tanto nos bares quanto por ambulantes, não pude observar em nenhum momento a comercialização da maconha.

A Virada parece instituir, ou ao menos intensificar, práticas de transgressão compartilhada entre desconhecidos no que tange ao uso e comercialização de drogas, tanto as legalizadas quanto as ilegais. Não há como deixar de falar do crack, tão presente no imaginário sobre o centro de São Paulo, mas que, no entanto, não se

mostrou nenhuma vez em meus percursos, o que talvez indique limites para a partilha de algumas transgressões nos espaços públicos.

Conclusão: a *observação flutuante* em campo e a escrita etnográfica

Influenciado pelo já citado texto de Pétonnet (2008 [1982]) em que ela empreende uma etnografia do cemitério do *Père-Lachaise*, em Paris, através do método de *observação flutuante*, cunhado pela mesma, tentei pô-lo em prática durante o evento da 14ª Virada Cultural paulistana e depois produzi um relato de caráter etnográfico sobre a experiência. Ao apresentar o conceito com as palavras da autora, como fiz no início, tomo agora a liberdade, nessa conclusão, de inserir duas palavras entre colchetes: “permanecer [o mais] vago e disponível [possível] em toda a circunstância [...]”.

A própria autora reflete sobre as “armadilhas da atenção” no seguinte trecho:

O pesquisador não tem, então, mais do que uma ideia: reencontrar o pequeno padre. Mas em sua visita seguinte ele entra deprimido, *furioso consigo mesmo por ter transgredido suas próprias ordens: ele não se deixou flutuar*. Ele nada viu nem ouviu, perdido entre as tumbas, traído por sua memória, indisponível porque ele procurava o pequeno padre, que não apareceu. (PÉTONNET, 2008 [1982], p. 110; grifos meus).⁴

E então arremata na próxima frase, como que se perdoando: “Todos os encontros no Père-Lachaise são de igual valor. Se nós queremos compreender a que serve esse cemitério, não devemos esperar por um informante privilegiado” (idem, ibidem).

De minha parte, não tive assim tanta consciência acerca de uma atenção focada nas *transgressões compartilhadas* ou no uso de drogas, ao menos durante a breve observação empreendida durante a Virada. Mas foi durante a escrita, ao enfrentar a “questão da melhor maneira de fazer com que uma história honesta seja contatada honestamente” (GEERTZ, 2002 [1988], p. 21) que passei a ressaltar alguns aspectos daquilo que havia visto e percebido, mais ou menos como também notou Clifford Geertz (idem, p. 17): “Impossibilitados de recuperar os dados imediatos do trabalho de campo para uma reinspeção empírica, damos ouvidos a algumas vozes e ignoramos outras”.

Ou seja, na elaboração do texto, minha atenção recaiu sobre alguns aspectos dos dados de campo, da memória e das anotações que havia feito. Mas terá sido mesmo só na escrita que tais aspectos foram privilegiados em detrimento de outros? Assim como Pétonnet, embora numa temporalidade mais restrita, durante a incursão etnográfica na Virada fiz um esforço ativo para não privilegiar um ou outro interlocutor, uma ou outra temática específica durante a observação flutuante. Apesar de tentar permanecer “vago e disponível”, desde minha chegada à Paulista, onde iniciei meu trajeto da Virada, comecei a notar os diversos usos de “drogas” nos diversos espaços que percorri. Talvez tenha focado esse tema porque ele tem ocupado meus pensamentos devido à pesquisa de mestrado em curso, que trata também do uso de drogas em espaços públicos⁵. É impossível saber, em retrospectiva, o quanto deixei de ver e ouvir enquanto prestava atenção nesses aspectos específicos. Há limites do vagar e da disponibilidade, algo que Ruth Benedict já havia alertado:

Nenhum ser humano olha para o mundo com olhos puros, mas o vê modificado por um determinado conjunto de costumes, instituições e maneiras de pensar. Mesmo em suas sondagens filosóficas, ele não pode ir além destes estereótipos; até seus

conceitos do verdadeiro e do falso ainda terão como referência seus costumes tradicionais específicos. (BENEDICT, 2013 [1934], p. 13-14).⁶

Mesmo o antropólogo treinado não se imiscui dessas “lentes” ou “filtros” advindos dos costumes, instituições e maneiras de pensar. É útil, no entanto, ter consciência (o quanto for possível) dessas condicionalidades, a fim de tentar contar o mais honestamente possível uma história honesta.

BIBLIOGRAFIA

- APOLINÁRIO, Márcio. 2001. “‘Vinho químico’ é feito com mesmo álcool de posto de gasolina”. *Último Segundo. iG*, 19 abr. 2011. São Paulo. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/vinho-quimico-e-feito-com-mesmo-alcool-de-posto-de-gasolina/n1300085554661.html>>. Acesso em: 27 mai. 2018.
- BENEDICT, Ruth. 2013 [1934]. *Padrões de cultura*. Petrópolis: Vozes.
- BOAS, Franz. 1986 [1932]. *Anthropology and modern life*. New York: Dove.
- GEERTZ, Clifford. 2002 [1988]. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- _____. 2014 [1973]. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- KREPP, Ana. 2013. “Vinho químico com 90% de teor alcoólico será fiscalizado na Virada Cultural”. *Folha de S. Paulo*, 17 mai. 2013. São Paulo. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/05/1280241-vinho-quimico-o-crack-das-bebidas-sera-alvo-de-fiscalizacao-na-virada-cultural.shtml>. Acesso em: 27 mai. 2018.
- PÉTONNET, Colette. 2008 [1982]. “Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense”. *Antropolítica*, n. 25, p. 75-96.
- TOMAZ, Kleber. 2015. “Segurança da Virada Cultural terá blitz contra vinho químico e arrastões”. *G1*, 20 jun. 2015. São Paulo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/seguranca-da-virada-cultural-tera-blitz-contravinho-quimico-e-arrastoes.html>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

NOTAS

1. Em mais de uma ocasião, em anos diferentes, a rigidez de planejamento nas Viradas foi motivo de aborrecimento. As Viradas em que mais me diverti foram aquelas em que me deixei “vagar” mais do que naquelas em que tentei cumprir à risca um planejamento anterior. A preocupação de “aproveitar ao máximo” aquilo que havia planejado, por vezes me levou a deslocamentos apressados e estresses que não permitiram o usufruto do inesperado, que invariavelmente traz surpresas e descobertas interessantes.
2. Aprovada em maio de 2009 e precursora da Lei Federal em dois anos, essa lei estadual “regula” o consumo de cigarros e outros “produtos fumígenos” em “ambientes de uso coletivo”. Seu artigo segundo refere-se a esses ambientes de uso coletivo e proíbe o consumo nesses espaços. Para

mais detalhes, ver <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2009/lei-13541-07.05.2009.html>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

3. Em outras situações em que me senti de alguma forma coagido, isso se deu de diversas formas: desde alguns olhares e “tossidas” de incômodo de pessoas do público – lembro aqui as “piscadelas” de Geertz (2014 [1973], p. 5) –, até mesmo abordagens diretas de pessoas ligadas à organização desse ou daquele lugar (garçons, seguranças etc.).

4. O padre em questão é uma das pessoas com quem Colette Pétonnet interagiu algumas vezes durante a pesquisa no Père-Lachaise. No texto, “o pesquisador” e “ele”, embora no masculino, referem-se no caso à própria antropóloga.

5. Mais especificamente do uso de crack na chamada “Cracolândia”, na região da Luz, centro de São Paulo.

6. É inevitável pensarmos na inspiração de Franz Boas: “o olho que vê é o órgão da tradição” (Boas, 1986 [1932]).

AUTOR

PAULO VICTOR DE FIGUEREDO NOGUEIRA

Graduado em Ciências Sociais (USP) e mestrando no Programa de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública (USP) paulovnogueira@usp.br